

Ambiente ecológico e mundo vivido: aproximações possíveis entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e a Filosofia ecológica

SABRINA BALTHAZAR RAMOS FERREIRA *

Resumo

O problema mente-corpo esteve na base das discussões filosóficas ao longo de grande parte da história do pensamento ocidental. Com relação à Filosofia da Mente, inúmeros foram os trabalhos que divergiram quanto à separação ou não entre a mente e o corpo, a constituição de ambos ou mesmo a existência do primeiro. Nesse trabalho, abordaremos a posição de Maurice Merleau-Ponty quanto ao dualismo em sua obra *A Fenomenologia da Percepção*, sua saída para superá-lo e a intrínseca relação do homem com o mundo. Quanto a este último aspecto, buscaremos estabelecer um diálogo com a ideia de *ambiente ecológico*, abordada pela Filosofia Ecológica, apontando os fatores em comum entre os dois pensamentos filosóficos.

Palavras-chave: Filosofia da mente; Dualismo; Não-representacionista.

Abstract

The mind-body problem was the basis of philosophical discussions over much of the history of Western thought. Regarding the Philosophy of Mind, numerous were the works that diverged as the separation or not between the mind and the body, the formation of both or even the existence of the first. In this article we will discuss the position of Maurice Merleau-Ponty as the dualism in his work *The Phenomenology of Perception*, its output to overcome it and the intrinsic relationship between man and the world. As for the latter, we will seek to establish a dialogue with the idea of ecological environment, addressed by the Ecological Philosophy, pointing out the common factors between the two philosophical thoughts.

Key words: Philosophy of mind; Dualism; No-representationalist.



* **SABRINA BALTHAZAR RAMOS FERREIRA** é mestranda em Filosofia na Universidade Estadual Paulista UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus Marília.



Ambiente Ecológico e Mundo Vivo: o ser inserido no mundo

Disponível em <https://alanelealteste.wordpress.com/2014/08/22/a-relacao-intersubjetiva/>

Introdução

Maurice Merleau-Ponty foi um dos filósofos da tradição fenomenológica que mais conhecia de psicologia, o que acabou por influenciar significativamente toda a sua concepção sobre a relação homem e mundo. Com relação ao pressuposto dualista cartesiano, Merleau-Ponty sustenta que não há separação entre mente e corpo e sim a existência do trinômio mente-corpo-mundo como vinculado e em constante dinâmica de reciprocidade. Para tanto, o que há é a existência de

um sujeito incorporado no mundo, imerso no mundo e não colocado nele. A vivência desse sujeito se mescla à textura desse mundo, como define o termo da tradição *heideggeriana* “ser no mundo”, que o experincia como campo prático e significativo. Através da experiência este “sujeito é sujeito da percepção e deve se perceber no mundo em estado de começo” (REIS, 2008, p. 107). Para o filósofo, o mundo percebido é moldado pela consciência e impacta a existência do ser por meio da percepção. Tal percepção desempenha

um papel crucial na intermediação entre esse sujeito e o mundo, sendo possível a esse ser, valorar e significar tudo o que o cerca através dela. “Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13). Sua ação perceptual se dá através do corpo, de modo sinestésico, onde os cinco sentidos se articulam produzindo valor para o mundo.

Podemos observar uma unicidade na filosofia de Merleau-Ponty que supera os dualismos clássicos da razão, que opõe objetividade e subjetividade, mente e corpo e o sujeito e o mundo. A conexão arraigada entre as coisas está na base de seu pensamento, e “se realiza a cada instante no movimento da existência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 131). Existência que é ressignificada sensivelmente através do corpo, imerso no meio, que atua como uma espécie de “superfície de contato” com o mundo, onde tudo, mente-corpo-mundo, interage e dialoga entre si, numa espécie de dança que nada mais é do que um movimento em si mesmo. Pois “para Merleau-Ponty, a experiência de sentir é vivida como espaço de tensão no próprio corpo e, ao mesmo tempo, entre o corpo e mundo” (ABATH; CAMINHA, 2012, p. 626). Assim, a reciprocidade corpo-mundo se constitui como fundamental para entender a ação desse ser situado, que interfere no meio e que se completa nele. Assim, “a relação que tenho com meu mundo vivido é uma relação de inerência, de descoberta e pela qual o mundo existe para mim e eu existo nele, efetivamente” (AZEVEDO; CAMINHA, 2015, p. 22).

Esse mundo, acessível pela percepção e apreendido pelos sentidos, se constitui

como campo de experiência do ser. Vale ressaltar que a apreensão desses sentidos se trata de uma ação irrefletida onde o meio convoca o ser a agir e de maneira nenhuma se refere a um ato intelectual, que passa pelo crivo do juízo e da razão reflexiva. Dessa forma podemos observar o posicionamento de Merleau-Ponty quanto à proeminência do intelectualismo e de seu contraponto habitual, o empirismo. Para o intelectualismo, o juízo kantiano sustenta a posição do ser no mundo, que age através do uso reflexivo da razão ao se postar diante das coisas, com ênfase no mundo objetivo. Já o empirismo privilegia a sensação que emerge na articulação entre estímulo-resposta e conduz o sujeito em sua atuação no meio. Contudo, Merleau-Ponty vai além de ambos ao privilegiar a percepção, pois, “se a percepção interpreta, ela só o faz a partir do mundo, com sentido sensível, anterior a qualquer juízo” (REIS, 2008, p. 108). Seu pensamento rompe com o dualismo presente nas duas teorias, pois estabelece uma relação entre mente-corpo e ser-mundo que não pode ser contemplada apenas pelo juízo e nem apenas pela sensação estímulo-resposta. A interação do ser com seu meio ultrapassa o papel de ação-reação para se ancorar na reciprocidade ininterrupta entre os polos onde, “só na unidade do objetivo com o subjetivo podemos pôr o ser no mundo e o seu mundo vivido correlacionados um ao outro” (AZEVEDO; CAMINHA, 2015, p. 17). Assim, podemos observar que a questão da *objetividade versus subjetividade* se coloca como ponto de reflexão. A visão objetiva do mundo na qual estão alicerçados o intelectualismo e o empirismo vão de encontro à percepção de mundo adotada por Merleau-Ponty.

O que faltava ao empirismo era a conexão interna entre o objeto e o

ato que ele desencadeia. O que falta ao intelectualismo é a contingência das ocasiões de pensar. No primeiro caso, a consciência é muito pobre; no segundo, é rica demais para que algum fenômeno possa *solicitá-la*. O empirismo não vê que precisamos saber o que procuramos, sem o que não o procuraríamos, e o intelectualismo não vê que precisamos ignorar o que procuramos, sem o que, novamente, não o procuraríamos (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 56).

Desse modo, tanto o intelectualismo quanto o empirismo são incompletos, por não contemplarem o papel primordial da percepção na articulação entre o ser e o mundo. Percepção essa que transcende a mera apreensão do mundo pelo sujeito indo além, pois “estamos falando de uma experiência marcada pela reversibilidade da experiência de sentir, que significa dizer que quando sinto algo sinto também a mim mesmo” (ABATH; CAMINHA, 2012, p. 626). Para tal, deve-se privilegiar a percepção em seu sentido mais subjetivo, capaz de captar as nuances presentes na interação ser-mundo-ser para além de seus aspectos físicos, na qual “o sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 84).

O corpo desempenha seu papel de inerência ao mundo percebido e vivenciado por ele através da apreensão sensorial, em uma intrínseca relação de comunicação (AZEVEDO; CAMINHA, 2015). Dessa forma, a concepção de mundo vivido se dinamiza por estar arraigada à vivência daquele que o habita, como apresentado por Merleau-Ponty: “O mundo é não aquilo que eu

penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). Esse mundo delimita e convoca o ser a agir de determinado modo, o que acaba por configurar seu esquema corporal sem o auxílio de um processo reflexivo para tal. Nesse caso, o corpo atua como “instrumento para a compreensão” que possibilita ao sujeito se inserir na espessura do mundo, pois é através dele, que o emaranhado de significados se consolida na vivência do ser. Como parte inerente da dinâmica perceptiva, o corpo, ao mesmo tempo em que interpreta e desvela o mundo, interpreta a si próprio, pois “ora objetivo ora sujeito é a expressão da ambivalência de um ser que se recusa, a todo instante, ser apenas *empírico* ou apenas *intelectivo*” (AZEVEDO; CAMINHA, 2015, p. 17).

Já o mundo percebido e decifrado pela percepção, possui a vivência como seu campo de atuação, inúmeras vezes concebido a cada ato experiencial do corpo nesse mundo, denotando sempre a malha de articulação e conexão possível entre os seres que compõem o espaço. Espaço esse que se mostra volátil, fruto de vivências precedentes e ulteriores, apreensíveis na teia significativa do ambiente. Esse dinamismo temporal se mostra acessível, pois “o presente vivido encerra em sua espessura um passado e um futuro” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 371). Sendo assim, a própria noção de ambiente/espço pode ser resignificada e com isso, o próprio lugar das coisas que o constituem. Mais uma vez, suplanta-se a ideia objetiva de espaço para emergir um conceito de ambiente subjetivo, forjado na relação ser-mundo através da percepção.

O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como a potência universal de suas conexões (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 328).

Através do corpo, torna-se possível captar a perspectiva espacial e temporal do ambiente com sua historicidade, em um movimento perceptivo que conecta o ser ao mundo vivido e às outras consciências que dele também fazem parte. A vivência, mais uma vez, propicia a interconexão dos seres entre si e com o mundo, produzindo significados que só ela é capaz de fornecer.

Ambiente ecológico e mundo vivido: aproximações possíveis

O caráter de reciprocidade entre o ser e o mundo na concepção fenomenológica de Merleau-Ponty pode ser vislumbrado no ambiente ecológico proposto pela Filosofia Ecológica. Ao abordar a relação entre percepção-ação, além das possíveis informações disponíveis no meio ambiente para a ação do sujeito, essa teoria defende uma visão sistêmica que abarca todas as esferas que constituem o mundo/ambiente ecológico. Nesse sentido, assim como o mundo vivido *merleauPontiano*, o ambiente ecológico transcende o objetivismo, abrangendo todos os aspectos da vivência humana que não se limitam apenas ao aspecto racional.

[...] na concepção racionalista tradicional, o indivíduo apenas observa a natureza de maneira racional, colocando em segundo plano os aspectos corpóreos,

emocionais e informacionais, os quais se instauram na sua relação com o mundo. Nessa concepção, o indivíduo está (parcialmente) dissociado do meio ambiente e do tempo vivido-experimentado (MORONI; GONZALES, 2010, p. 126).

Dessa forma, tanto na abordagem ecológica quanto na fenomenologia de Merleau-Ponty operam-se a vinculação dos seres com o ambiente que supera o dualismo cartesiano, pois, assim como no mundo vivido, tal ambiente é constituído na interconexão entre os seres, entre si e entre estes e o mundo. “Em particular, a reciprocidade ecológica entre a mente e o mundo físico explicita a relação entre ambos e remove a necessidade de qualquer separação dualista” (MORONI; GONZALES, 2011, p. 352). Além disso, “a visão sistêmica exprime a inseparabilidade entre as partes que formam uma totalidade” (MORONI; GONZALES, 2010, p. 127). Totalidade que não se configura como a mera reunião de partes, mas sim por uma conjunção que possui significado enquanto um todo, coeso, no qual os seres participam. Assim, como afirma Merleau-Ponty, esse todo-mundo é apreensível através dos sentidos pelo corpo, do “ser no mundo”. Em “Ecological Philosophy”, David Lager afirma que essa inseparabilidade se constitui “porque são identificados com relação um ao outro” (MORONI; GONZALES, 2010, p. 127).

Dessa maneira, o conceito de “ser no mundo” evoca uma imersão na estrutura, espessura do mundo, que denota uma correlação entre este ser e o ambiente. Correlação esta mediada pela percepção sensorial daquilo que o ambiente fornece como informação disponível para ação, ou, melhor dizendo, na convocação que este mundo

faz ao sujeito e que configura seu esquema corporal. Tal relação simbiótica reflete a visão sistêmica da Filosofia Ecológica, assim como a intrínseca relação entre ser e mundo vivido de Merleau-Ponty. Assim como o pressuposto que entende o sujeito imerso no mundo vivido, “a descrição ecológica da percepção envolve, na verdade requer, a imersão do espectador na informação perceptual do ambiente perceptual” (LARGE, 2003, tradução nossa). Também no ambiente ecológico a percepção desempenha um papel significativo, por ser ela a mediar a relação do ser com o meio que o rodeia.

Estando tão imerso no fluxo de informação ambiental, o organismo compartilha de modo ativo, direto e não mediado da captação da informação. É a combinação da imersão do organismo no ambiente e no fluxo de informação ambiental ao seu redor que origina a percepção atenta do organismo [...] (MORONI; GONZALES, 2011, p. 351).

Para tanto, a Filosofia Ecológica, assim como Merleau-Ponty, superam o intelectualismo e o empirismo por entenderem, serem tais teorias, incompletas e insuficientes para tratar da consciência do ser em sua relação com o mundo.

Assim como na teoria fenomenológica de Merleau-Ponty, a Filosofia Ecológica entende que a interação entre ser e mundo não passa pelo crivo da racionalidade, não se tratando de um ato reflexivo. Além disso, ambas dispensam o recurso de representações mentais para mediar a relação de consciência entre o sujeito e o mundo. Pois, assim como na fenomenologia merleauPontiana,

abordagens ecológicas são elaboradas na ideia de reciprocidade entre organismo e

ambiente. [...] Ela rejeita as descrições baseadas em sensações, por considerá-las equivocadas, e a explicações físicas como, na melhor das hipóteses, incompletas (LARGE, 2003, tradução nossa).

Quanto a essa apreensão através da percepção, observa-se uma separação teórica que se baseia na utilização de representações mentais ou não no processo de consciência corporal. A concepção *internalista* da Filosofia da Mente se constitui por meio da atuação de representações mentais como instrumentos de mediação entre o sujeito e o mundo, na qual a operação consciente atua através da mente, internamente, para a produção de significados, o que acaba por invalidar a percepção direta proposta pela abordagem ecológica e pela relação ser-mundo merleauPontiana. Contudo,

para alguns críticos da Teoria Ecológica como Fodor & Pylyshyn (1981), por exemplo, as representações mentais são imprescindíveis para explicar o processo de elaboração do significado. Nesses processos, para estes críticos, a informação significativa necessária para especificar o objeto não pode ser apreendida imediatamente, ou seja, através da percepção direta visto que ela não está situada no ambiente, mas é fruto das representações mentais que envolvem planejamento da ação, as recordações, entre outras (MORONI; GONZALES, 2010, p. 136).

Já as teorias de Merleau-Ponty e da Filosofia Ecológica se referem à concepção *externalista* de Filosofia da Mente e defendem uma relação direta, sem intermediações, entre os organismos que constituem o ambiente, não se operando, portanto, no interior da mente. Aliás, tal unicidade entre os

seres e o meio é um aspecto caro às duas teorias, mediadas, as duas, pela percepção direta do ambiente pelo sujeito. Nesse caso, dispensa-se o uso de expedientes mentais reflexivos que remetam a um racionalismo, intelectualismo e, mais do que isso, a um dualismo mente-corpo, ou consciência-mundo. Para Merleau-Ponty haveria uma

junção, podemos dizer assim, das duas dimensões — objetiva e subjetiva — que o ser no mundo traz em sua vivência originária e habitual. O corpo vivido, na concepção merleau-pontyana, vai de encontro às teorias da consciência representacionista do corpo” (AZEVEDO; CAMINHA, 2015, p. 21).

As duas teorias convergem ao interpretar o mundo vivido como extensão daqueles que o habitam. Apreendido pela percepção direta, esse mundo se apresenta como um ambiente dinâmico que emerge continuamente da interação entre seus organismos. Tal relação produz uma teia significativa que perpassa o aspecto temporal, redimensionando seus significados.

Na perspectiva da Filosofia Ecológica, os eventos sociais são entidades com aspectos temporal e espacial que envolvem a informação do passado e do presente para a construção do econicho. Nesse sentido, eles incorporam memórias da evolução dos organismos no ambiente (MORONI; GONZALES, 2010, p. 138).

O econicho humano pode ser entendido como o mundo vivido na qual se o “ser no mundo” se consolida enquanto tal, daí possuir sua própria historicidade, acessada através da percepção na vivência do ser. Em contato com as diversas temporalidades presentes no

ambiente ecológico/mundo vivido, o sujeito adentra no universo de consciências que emerge de sua relação com ele, de forma direta e não refletida. Cada experiência do ser no mundo carrega consigo uma bagagem cultural e social que ultrapassa a compreensão refletida dos agentes, mas que ainda sim, impactam a existência de modo subjetivo.

O presente ainda conserva em suas mãos o passado imediato, sem pô-lo como objeto, e, como este retém da mesma maneira o passado imediato que o precedeu, o tempo escoado é inteiramente retomado e apreendido no presente. O mesmo acontece com o futuro iminente que terá, ele também, seu horizonte de iminência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 106).

Assim como o mundo percebido convoca o sujeito para a ação, podemos dizer que o econicho humano se consolida enquanto espaço de ação e percepção dos seres, num diálogo subjetivo que atribui significados à vivência humana.

Em suma, observamos que ambas as teorias emergem como solução para superar o dualismo cartesiano que tanto ocupou a atenção dos filósofos da Filosofia da Mente, oferecendo um recurso que, mais do que focar na existência ou não do dualismo mente-corpo, consciência-mundo e/ou objetividade-subjetividade, desloca sua atenção para a vivência humana e sua relação com o ambiente que a delimita.

Para a Filosofia Ecológica o primordial é expandir sua abrangência de análises para além da mera questão humana e sim enfatizar sua vivência no ambiente ecológico sistêmico. Dessa forma, o enfoque deixa de ter um caráter antropológico para se voltar para aquilo

que a vivência humana oferece de significados.

Já para a fenomenologia de Merleau-Ponty, o direcionamento da atenção também se volta para a atuação do ser no mundo, o que acaba por definir o próprio conceito de ser. Tal definição implica ainda nas conceituações de mundo, corpo e percepção. Dessa forma, Merleau-Ponty define seu conceito de mundo em sua unicidade, como sendo “aquilo mesmo que nós nos representamos, não como homens ou como sujeitos empíricos, mas enquanto somos todos uma única luz e enquanto participamos do Uno sem dividi-lo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 8)

O mundo é habitado pelo ser, que se utiliza do corpo como veículo nesse mundo. Veículo este que, para além de somente transportá-lo no meio que o envolve, serve de elo de ligação com o ambiente, através da apreensão sensorial sinestésica da percepção – enfatizada como significativa para ambas as teorias.

Foram verificados inúmeros pontos de contato entre os dois pensamentos filosóficos, principalmente no que tange ao ambiente ecológico/mundo vivido. Tal aproximação foi fruto de uma leitura analítica dos textos de referência das duas teorias, onde podemos encontrar conceitos e pressupostos em intrínseco diálogo, até mesmo visões de mundo que se compactuam – algo evidenciado nas citações apresentadas ao longo do texto.

Observamos que, ao analisar a conexão dos seres e seu meio, as teorias sustentam para elas o que de mais importante deve ser apreendido nessa dinâmica – a própria vida.

Referências

ABATH, André Joffily. CAMINHA, Iraquitã de O. Merleau-Ponty e o fisicalismo. In: Revista Filos, Aurora, Curitiba, v. 24, n. 35, p. 615-638, jul./dez. 2012. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/rf-7521.pdf> Acesso em 05.06.2016.

AZEVEDO, Denis de Souza. CAMINHA, Iraquitã de O. Ser no mundo, mundo vivido e corpo próprio segundo Merleau-Ponty. In: Dialektiké, Dossiê Filosofia do Corpo Artigo submetido em fevereiro/2015 e aceito em abril/2015 Disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3009-9369-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3009-9369-1-PB%20(1).pdf) Acesso em 05.06.2016.

LARGE, David N. Ecological Philosophy. Web Version (Without Notes). June, 2003. Disponível em <http://www.newphilsoc.org.uk/OldWeb1/Ecological/DavidLarge.PDF> Acesso em 02.06.2016.

MERLEAU-PONTY M. **Fenomenologia da Percepção**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999. 662 p.

MORONI, J.; GONZALEZ, M. E.; Q. MORAES, J. A. O que é filosofia ecológica? In: Revista Kínesis, Vol. III, nº 05, Julho-2011, p. 349-355. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasElectronicas/Kinesis/Traducao_MoroniGonzalezMoraes.pdf Acesso em 28.05.2016.

MORONI, Juliana. GONZALEZ, Maria Eunice Q. O Fisicalismo revisitado pela Filosofia Ecológica: as affordances sociais. In: Revista Filogênese, Vol. 3, nº 1, 2010. p. 124-141. Disponível em www.marilia.unesp.br/filogenese Acesso em 28.05.2016.

REIS, Nayara Borges. Um sentido sensível do mundo pela filosofia de Merleau-Ponty. In: Revista Filogênese, Vol. 1, nº 1, 2008. p. 106-112. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasElectronicas/FILOGENESE/Nayara%20Borges%20-%202012%20_106-112_.pdf Acesso em 28.05.2016.

Recebido em 2016-09-01
Publicado em 2017-05-04